

Uma política justa, é sempre premiada com a vitória

O MEC anunciou o que vai ser o Serviço Cívico Estudantil.

Ainda não esquecemos o arrasado de mentiras e calúnias que foram lançadas sobre nós aquando da discussão do S.C.E..

Apregoavam certos individuos na altura, que o S.C.E. iria colidir com o mercado de trabalho aumentando o desemprego existente, que se ia trabalhar para a burguesia e os monopólios, que os estudantes seriam tropa de choque do governo para furar greves, etc.

Na altura afirmamos: o S.C.E. será aquilo que os estudantes quizerem; o S.C.E. é uma medida progressista; é possível evitar a colisão com o mercado de trabalho; é necessário ligar o ensino à vida e à prática; a superlotação das escolas não serve a construção de um ensino democrático.

O tempo encarregou-se de clarificar a situação. Na defesa intransigente do S.C.E., a UEC. Contra ele os fascistas do CDS e do MRPP, os Comités Paiva Couceiro do PPM, a JSD e a JS. Outros contrapuseram propostas demagógicas e irrealistas de saída organizada. A prática demonstrou a sua exequibilidade. Não vimos ninguém sair organizadamente em sítio nenhum.

Mas nem todos os candidatos ficaram parados durante este tempo. As iniciativas autónomas de Serviço Cívico Estudantil, de que são exemplos altos em Lisboa o trabalho na Ribeira das Lages, no Porto a limpeza das praias, em Coimbra a construção de uma escola na Relvinha, foram exemplos vivos e actuates do que pode ser a Unidade Estudantes-Povo Trabalhador.

Alguns, na mira de uma via facilitista, embarcaram nas propostas dos cursos livres. A prática mais uma vez demonstrou a justeza das nossas posições. Os ditos cursos livres não passam hoje de uma aventura frustrada. Os estudantes que caíram nessa ilusão rapidamente compreenderam a falsidade das miragens que lhes apresentavam. Para os proponentes tratava-se mais de destruir uma medida progressista do MEC do que resolver o problema dos candidatos ao 1º ano.

As manobras reaccionárias responderam os estudantes com a inscrição em massa no S.C.E..

As manobras daqueles que temiam a democratização do ensino e uma mais íntima ligação dos estudantes com o povo foram desmascaradas.

O S.C.E. vai ser uma realidade.

A evolução da situação política permitiu ver também, qual a real natureza das forças que se colocavam contra o S.C.E.. São os mesmos que estão contra o processo de democratização da vida do povo português, que tentam aproveitar o atraso cultural do nosso povo, para, através do caciquismo local, obterem bons resultados eleitorais. É o MRPP, que sob uma capa de esquerdista, ninguém põe mais em dúvida que é um agente do imperialismo ianqui e da contra-revolução.

O S.C.E. vai começar.

Façamos dele um grande instrumento para nos ligarmos ao povo, para ligarmos a escola à vida, para participarmos activamente na construção da democracia e do socialismo em Portugal.

Continuaremos no entanto a defender intransigentemente:

1º- Que não haja qualquer tipo de selecção no início do próximo ano para os candidatos ao 1º ano que participarem activamente no S.C.E..

2º- Que se criem desde já condições para a entrada no próximo ano na Universidade dos candidatos ao 1º ano, bem como se modifiquem totalmente os esquemas de acesso à Universidade e os planos de estudo do 1º ano.

3º- Que os candidatos ao 1º ano disponham de todas as regalias sociais inerentes à condição de estudante universitário.

4º- Que os trabalhadores-estudantes se encontrem em pé de igualdade com os estudantes que vão para o S.C.E..

5º- que o S.C.E. deve integrar também os estudantes que já se encontram na Universidade segundo formas a determinar, integrando e ligando à escola os que já se encontram no S.C.E..

PARTICIPEMOS ACTIVAMENTE NO SERVIÇO CÍVICO ESTUDANTIL!

Viva a unidade estudantes-povo trabalhador

Viva a unidade de todos os estudantes na luta pela democratização do ensino.



CÉLULA DE CANDIDATOS AO 1º ANO DA UEC DE COIMBRA